

falta n. 6

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Editor e proprietario—J. D. de Azevedo.

ANNO III.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na casa do proprietario, rua do Machado n. 12. As assignaturas s'ão pagas adiantadas.

NUMERO 7.

## O DOMINGO.

S. LUIZ, 15 DE FEVEREIRO DE 1874.

Amor Alemão.

SEGUNDA LEMBRANÇA

por.....

(Tradução do francez de Alexandre Buiot.)

(Continuado do n. 6.)

Perto de nossa casa, em frente da velha igreja com a cruz dourada, via-se um grande edificio, maior que a igreja e com muitas torres. Sobre essas torres, levantavão-se aguias de pedra, e, sobre a mais alta, elevada abaixo da entrada principal, fluctuava uma grande bandeira azul e branco. Dous soldados á cavallo guardavão sempre os largos degrãos da escadaria que transportava ao aposento. A casa tinha muitas janellas por trás das quaes via-se corinthos d'ouro sem pias por bordas d'ouro. No patio, velhas tilias cobrião os muros com sua verde folhagem, e juncavão o chão, durante a primavera, com brancas flores perfumadas. Mui-

tas vezes olhei essas janellas, e, durante a noite, vi sombras passarem aos sons de uma musica harmoniosa que penetrava até o meu coração. Lindos corchos chegavão com ruido no patio, homens e mulheres descião e precipitavão se para a escadaria. Os homens trazião estrellas no peito e as mulheres flores nos cabellos. Quantas vezes não disse commigo: como é bello e quando eu terei a felicidade de tambem alli subir!

Um dia meu pae, tomando-me pela mão, disse-me: Irás commigo ao castello, mas é preciso que te tornes agradável, quando a princesa te fallar beijar-lhe-las a mão

Tinha seis annos. Que alegria senti! Parecia ver tantas cousas maravilhosas nessas sombras enfeitadas que tinha observado a través das janellas escuras! Ouvira dizer tanto bem do principe e da princesa, de sua bondade, caridade, e amor pelos desgraçados! meu pae tinha dito muitas vezes que elles foram escolhidos por Deus para proteger os bons e

punir os maos, e parecia-me ver n'elles antigos conhecidos, como meus bonitos soldados de chumbo.

Subindo a escadaria senti o coração palpitar. Meu pae recommendou-me chamar o principe e a princesa: *Altissas*.

Os dous batentes da porta abrirão-se, e vi na minha frente uma nobre e bella senhora. Chegou-se á mim e estendeu-me a mão sorrindo com bondade materna.

Em quanto meu pae se havia curvado á porta, não sabia porque, meu coração pulsava com tanta violencia, e, arremeçando-me para essa bella creatura, saltei-lhe ao pescoço e abracei-a como se fosse minha mãe. A senhora deixou-me abraçal-a, acariciou os meus cabellos e sorriu. Mas meu pae, tomando-me de subito pela mão, arrancou-me de seus braços, dizendo-me que eu era um rapaz mal educado e que jámais me levaria em alguma parte.

Corei. O sangue subiu-me ao rosto. Senti que meu pae era injusto para commigo.

Olhava a princesa como para supplicar-

## FOLHETIN DO RODA-PÉ.

### Uma viagem, e o Carnaval.

Não sei em que mez foi, porém fazia frio em S. Petersburgo, que o thermometro andava á grande porção de numeros abaixo do zero.

Um tremo arrastado por dous alentados cavallos, parou a porta de um celebre timador de antiguidade chamado Knawpitskoff, e d'elle apearião-se dous viajantes, um alto, magro, pallido, cabellos e barba brancos, agradável, e, sobretudo, um accento de de inexcedível bondade que inspirava sympathia e respeito á quem o via; o segundo, baixo, magro tambem, porém ainda moço, moreno, usando apenas um fino bigode preto. Entrados em casa do amador, os dous viajantes, expozêrão sem delongas o assumpto de sua visita, que vinha á ser, comprarem ao dono da casa uma reliquia de que era o feliz possuidor: nada menos que o relógio do immortal Pedro, o Grande!

Custou immenso aos viajantes persuadir ao colleccionador, que se agarrava com unhas e dentes áquella preciosidade e só cedeo quando lhe accordarão dar por ella uma enorme quantia.

Pertanto os viajantes fizeram acquisição do relógio do celebre Czar, pagando de contado ao colleccionador um pajock de ouro em pó.

Satisfeito o seu desejo, retirarão-se os viajantes,

e tomando de novo o tremo que os esperava, dirigirão-se ás portas da cidade, onde, de manhã, já cheio e prestes a partir, um bafio com a competente barquinha, onde elles tomarão lugar, partidas as cordas, remou n'ellas aos ares, e, subindo lentamente interturo-se no nevaceiro, perdendo-se da vista enlambesada de meia duzia de curiosos russos.

Mas eu e que não os perco de vista. Nada! a minha pena trespassa qualquer nevaceiro, por mais russo que seja.

Por isso posso dizer-lhes que a machina aerostatica, habilmente dirigida, passou do espago cor de chumbo dos países polares, a planear por sobre as ridentes nuvens do céu italiano. Os viajantes admirado de cima o magifico panorama de Roma e continuarão a derrota sem afrouxar, até que, avistando um paiz povoado de montes inteiramente cobertos pelas nevas desastadoras da viação, forão á pouca e pouca descondo e tomarão pé ali mesmo. Numerosas escavapões colrião e solo; debaixo destes erão os sepulchros de duas cidades inteiras, Acreclantum e Pompéa engolidas pela erupção.

Os intrep dos viajantes penetrão por uma fenda em Pompéa, e, uma voz dentro, visitarão-n'a por toda a parte e testemunharão a horrorosa agonia de uma enorme população, traduzida nas posições dos esqueletos. No fim de uma rua estreita, havia

uma especie de loja ricamente abornada, sem duvida um *café*, já n'aquelles tempos conhecido.

Trez esqueletos, sem duvida de tres pituscos, estavão sentados junto á uma meza, onde haviam copos e garrafas, e um d'elles erguia ainda na mão descurada um maguilho copo de prata, como se quizesse, nos ultimos instantes, mostrar o desprezo da vida, bebendo *à saúde da morte*. Vencendo a natural repugnancia de tocar n'um esqueleto que ao menor contacto se desfazia em pó, um dos *touristas* a mais baixo, livrou delicadamente da mão do eterno hebrêrão o precioso copo de prata e o enviou a fazer companhia ao relógio do czar na sua bolsa de viagem.

Sabidos da cidade arruinada, os nossos dous heroes tomarão a entrar no bafio e levantarão o vôo em direcção do Celeste Imperio, descendo d'elle em uma praça de Pekin, depois de terem escapado milagrosamente de espetar-se em uma infinidade de licidas torres de porcellana. Um mandarim de enormes bigodes e immenso chanfalho á arrastar, veio logo arrogantemente tomar-lhes satisfação pela maneira pouco delicada por que se penetrava em uma cidade pouco aberta á visitas estranhas, cahindo do céu em um globo de seda.

Dadas as explicações exigidas, os dous viajantes procurarão uma afimada casa de mercearias na rua de Thong—long—Fong, onde comprarão á uma esbelta belleza chinesa, que fazia as vezes de

lhe que defendesse-me, porem seu rosto não reflectia senão um sentimento de doce gravidade. Com a vista interrogava as pessoas que se achavão no salão, esperando que viessem à meu auxilio, mas não se de mim. Então as lagrimas me inundarão as faces, e de um pulo lancei-me para a porta, precipitando-me como um furioso para os degrãos da escadaria que descí quatro à quatro para atirar-me nos braços de minha mãe que soluçava.

—Que te aconteceu, meu filho? perguntou-me ella.

—Oh minha mãe! Estava no palacio da princesa, uma excellente e encantadora mulher, tão boa como tu; saltei-lhe ao pescoço e abracei-a.

—Não devias tel-o feito, meu filho, porque elles são pessoas de representação e estrangeiros.

—Mas que tem que sejam estrangeiros? Por ventura é-me prohibido amar as pessoas que me olhão com agrado?

—Te é permitido amal-os, disse minha mãe, porem não debes dar-lhes a conhecer.

—Minha mãe, será possível que se ame sem se dar a conhecer?

E' preciso fazer o que teu pae te disse. Somente quando crescores é que comprehenderás porque não podes saltar ao pescoço de todas as pessoas amáveis.

Foi um triste serão. Meu pae, entrando, continuava a sustentar que eu era um rapaz mal educado. Minha mãe deitou-me, porem foi-me impossivel rezar; pen-

sava sempre nesses estranhos que me era prohibido amar.

Pobre coração humano! E' assim que na primavera de tua vida se inchão as tuas flores e arrancão-se as penas de tuas azas! Quando o primeiro alvor da juventude abre o calix da alma, tudo é perfume de amor.

Ensinão-nos a andar, dansar, fallar e lar mas ninguem ensina-nos a amar. O amor nasce connosco como a propria vida.

Como os astros do céu, aproximão-se, inclinão-se e movei-se pela lei da atracção, as almas celestes, inclinando-se uma para outra, atraheo-se e unem-se pela lei eterna do amor.

Uma flor não abria sem sol, assim como um homem não poderia viver sem amor.

O coração do menino fanar-se lia com o primeiro sopro frio do mundo, si os ardentes raios dos olhos dos paes não lizessem desabrochar o amor. Então a inspiração para o infinito que desperta no menino essa sêde de amar o universo inteiro, este clarão que allumia por toda a parte onde dous olhos abraço-se em seu olhar; este coração que regosija-se em todo logar onde ouve uma voz humana, tudo isto, é o amor incommensuravel, incomprehensivel, um poço profundo que nunca foi sondado, uma fonte de riquezas inesgotaveis. Aquelle que conhece este amor sabe que elle não tem medida e que não se pode amar senão de todo coração, alma e futuro.

elle e os sympathicos viajantes, uma linha de pontos.

O amigo leitor não ignora, por certo, que esta linha de pontos faz passar por alto ainda muitas outras peripecias de viagem para que eu possa dizer-lhe ja que os dous afamados *touristes* se achão presentemente na nossa pacifica cidade de S. Luiz, que muito amão, estimão, venerão e querem.

E, para prova, elles pretendem desfazer-se das preciosidades adquiridas em viagem, presentando a estimavel cidade, com uma loteria cujos premios serião essas mesmas caridades.

Leia o querido leitor o *Paiz* de alguns dias atraz, mesmo no hilo de traz do jornal; letras garrafas, pontos de adunração. Viva a pandiga! Viva a folia! Viva a fortuna! Viva a alegria! Viva a ordem! Viva o gimbo! E entremeado com tudo isto, o programma de dous magnificos bailes carnavalescos, um hoje, outro depois de amanhã, e a lista dos premios da provocadora loteria!

O leitor amigo, diante das antiguidades do carnaval, das moças, da cerveja e dos pasteis de Raptista Rizzo; o leitor, seduzido por tudo isto e por mais alguma cousa, irá hoje e depois de amanhã ao theatro S. Luiz pagodear à larga e tirar o melhor premio da loteria.

Vá e leve o maior numero de amigos possivel, porque é preciso compensar aos esforços dos empresarios, que são aquelles viajantes que ha pouco

Ah! quão pouco resta-nos delle antes de chegarmos à meio caminho da nossa existencia.

O menino sabe se ha estranhos! A fonte do amor está occulta, depois apparece derepente.

Nossos olhos não brillão mais, e passamos friamente um pelo outro; apenas saudamo-nos porque sabemos que uma venia não retribuida é uma punhalada no coração, e muito nos é do-loroso deixar aquellas pessoas à quem apertamos as mãos.

As azas da alma perdem as suas penas, as pet'las da flor são arrancadas e marchão-se, lançadas por terra; poços inesgotaveis do amor não restão mais que algumas gotas, justamente quanto baste para refrescar os labios afim de não seccarem.

Essas gotas, ainda chamamos amor, mas não é esse amor puro, suave, infantil, é o amor das agonias, o fogo devorador da paixão corrosiva; o amor que consome a si mesmo, como a gota da chuva sobre a arêa ardente; o amor que deseja e não o amor que dá; o amor que pergunta: «Queres pertencer-me?» e não o amor que diz: «E' preciso que eu seja teu» o amor egoista e infeliz. E' este o amor em que cantão os poetas e no qual acreditão os mancebos e as donzellas. Um fogo abrazador que queima e arde; um fogo que não aquece, e que deixa fumaça e cinzas. Todos nós acreditamos que esses enredos erão raios de amor eterno, porem

vio, os arduos trabalhos porque passarão, por amor, não dos seus parentes, mas da bella cidade de S. Luiz e seus respectivos habitantes.

Olhe que supportar o frio muitos grãos abaixo de zero e as iras de um Kawptskoff; arriscar a vida n'um balão, passar algumas horas entre espellets, arrotar a colera dos mandarin, correr sobre arames, trocar a casaca elegante por um vestido japonoz, andar por paizes, *nunca d'outra descobertos*, e, finalmente galgar uma linha de pontos para chegar ao Maranhão; tudo isto é uma prova de grande dedicacão, cujos esforços devem ser coroados de bom exito.

Não falte, estimadissimo leitor, eu tambem lá estarei, e dansaremos o cancan do *Soiree do Carnaval* gritando com toda a força dos pulmões:

Uhé, uhé, uhé  
marcha para o baile,  
Viva o carnaval!

Uhé, uhé, uhé, uhé,  
marcha para o baile,  
Viva o — car-na-val!

N'este final o amigo leitor alonga a voz o mais que poder, e enquanto ella reboa nos echos das regiões ethereas, eu aproveito a occasião para terminar o folhetim, e assignar-me:

quanto era mais viva a luz mais negra era a noite que seguia.

Depois quando tudo em redor de nós toma uma côr sombria, quando nos sentimos sós, e que, por nossa frente, os homens paixão sem nos reconhecer, um sentimento esquecido ergue-se as vezes em nosso peito. Este sentimento nos é desconhecido, porque não é o amor nem a amizade. Desejaria perguntar a cada um desses indifferentes: « Não me conheces ? » Sente-se então que o homem está mais chegado ao homem que o irmão do irmão, o pae do filho, e o amigo ao amigo. Dir-se-hia uma velha historia que resôa em nossa alma uma voz que nos diz que esses estranhos são segundos nós mesmos. Para que então passar silenciosamente diante d'elles! Nós o ignoramos e resignamo-nos. Ensaia sobre dous trilhos d'um comboyo ao outro, estende a mão á um amigo que passa; ensaia, e comprehenderás talvez porque neste mundo o homem passa silenciosamente pelo outro.

Um velho sabio disse: Vi os fragmentos de uma barca naufragada flutuarem sobre o mar. Durante alguns minutos elles nadavam um ao lado do outro; depois as vagas os lançaram um á este, o outro á oeste e nunca mais se encontrarão.

O mesmo acontece com o homem; mas ninguém ainda viu o grande naufragio.

(Continuo.)

### A mosca.

ALFRED DE MUSSET.

(Continuado do n. 6).

A marquesa estava costumada a taes cumprimentos, bem que só lh'os fizessem em voz baixa; mas, presentemente, este pareceu agradar-lhe singularmente.

—E com que fé, com que certeza julgou o senhor contar para chegar até aqui? porque com certeza não esperava o auxilio de um cavallo cahido em caminho.

—Eu cria... eu esperava...

—O que esperava?

—Eu esperava que o acaso... podia fazer...

—Sempre o acaso! E' um de seus amigos, ao que parece; porém advirto-o que, se não tem outros, é uma triste recommendação.

Talvez que a fortuna offendida se quizesse vingar desta irreverencia, mas o cavalheiro a quem as ultimas perguntas ião cada vez mais perturbando, apercebeu de repente, á um canto da meza, precisamente o mesmo leque que elle tinha juntado na vespera. Lançou mão d'elle, e

como na vespera, apresentou-se á marquesa, dobrando um joelho defronte della.

—Aqui tem, senhora, disse elle, o meu unico protector.

A marquesa pareceu a principio admirada e hesitou um momento, olhando ora para o cavalheiro, ora para o leque.

—Ah! tem razão, disse ella enfim; é o senhor! reconheço-o agora. Eu vio-o hontem, depois da representação, com o senhor de Richelieu. Eu deixei cahir o leque e o senhor estava lá, como ha pouco disse.

—Sim, senhora.

—E entregou m'o como um verdadeiro cavalheiro; não lh'o agradei, mas sempre considerei que aquelle que sabe, com tanta graça, ajuntar um leque, tambem sabe, em caso de necessidade, levantar a luva; e nós outras gostamos disto.

—E isso é bem verdade; porque agora mesmo ao entrar, pouco faltou para me bater em duello com o suizo.

—Misericordia! disse a marquesa, n'um segundo accesso de alegria, com o suizo, e porque causa?

—Não me queria deixar entrar,

—Foi máo isso. Mas, quem é o senhor? o que deseja?

—Chamo-me o cavalheiro de Vauvert, o senhor de Biron tinha pedido para mim um lugar de corneta nas gnardas.

—Lembra-me tambem! O senhor vem de Neauflette e ama a menina de Annebault.

—Quem lh'o disse, senhora?

—Oh! previno-o que sou temivel. Quando me falta a memoria, eu advinho. O senhor é parente do abbade de Chauvelin e recusarão-n'o por isso, não é? Onde está o seu placet?

—Ei-o, senhora; mas, na verdade, eu não posso comprehender...

—E para que? Levante-se e ponha o seu papel ali em cima da mesa. Eu vou responder ao rei e o senhor levar-lhe-ha ao mesmo tempo o seu pedido e a minha carta.

—Mas, senhora, eu creio lhe ter dito...

—Ha de ir. O senhor entrou aqui da parte do rei, não é verdade? Pois entrará lá da parte da marquesa de Pompadour, dama do palacio da rainha.

O cavalheiro inclinou-se em silencio, cheio de estupefacção.

Todos sabião ha muito quantos empenhos, astucias e intrigas tinha ella empregado, e que obstinação mostrara para obter este titulo, que afinal, de contas, rendeu-lhe uma cruel affronta da parte do Delphim. Porem havião dez annos que ella o ambicionava, e tanto fez que alcançou. O senhor de Vauvert, que ella não

conhecia, bem que soubesse de seus amores, agradava-lhe como uma boa nova.

Immovel por detras d'ella, o cavalheiro observava a marquesa que escrevia, á principio com paixão, depois reflectia parava e passava a mão por seu narizinho, fino como ambar. Ella impacientava-se: uma testemunha encommo-dava-a. Enfim decidiu-se e fez uma emenda; é preciso confessar que aquillo não passava de um borrão.

Em frente do cavalheiro, do lado opposto da mesa, brilhava um magnifico espelho de Veneza. O timido mensageiro ousava apenas levantar os olhos. Entretanto, era difficil não ver nesse espelho, por cima da cabeça da marquesa, o rosto inquieto e encantador da nova dama do palacio.

—Como é bella! pensava elle.

E' pena que eu esteja namorado de outra; mas que é mais bella, e depois seria de minha parte uma enorme deslealdade!..

O cavalheiro, segundo seu costume, tinha reflectido em voz alta, sem saber.

—De que é que falla? disse a marquesa.

—Eu, senhora? espero.

—Prompto, respondeo a marquesa, tomando outra folha de papel; mas, ao movimento que fez para se voltar, o penteador escorregou-lhe do hombro.

Cousa estranha é a moda. Nossas avós achavão muito simples ir á côrte com immensos vestidos que lhe deixavão o seio quasi descoberto, e não se via n'isto indecencia alguma; mas ellas escondião cuidadosamente as costas, que as bellas damas de hoje mostram no baile ou na Opéra. E' uma belleza de moderna invenção.

Sobre a espadao delicada, branca e mi-mosa da senhora de Pompadour, havia um pequeno signal preto, que parecia uma mosca cahida no leite. O cavalheiro, serio como um estouvado que procura comportar-se bem, observava o signal, e a marquesa, com a penna entre os dedos, via o cavalheiro no espelho.

Nesse espelho, um olhar rapido foi trocado, olhar que não engana as mulheres e que quer dizer de um lado: «Sois encantadora», e do outro: «Não me zango por isso.»

Todavia a marquesa puxou o penteador.

—Observa minha mosca, senhor?

Não observo; vejo e admiro.

—Aqui tem a minha carta; leve-a ao rei com o seu requerimento.

—Mas, senhora...

—O que temos?

— Sua Magestade foi a caça; eu ouvi tocar no bosque de Satory.

— E' verdade, nem me lembrava; pois bem! amanhã, depois de amanhã, pouco importa.

Não, não; vá immediatamente, dê isto á Lebel. Adeus, senhor. Lembre-se que esta mosca que agora vio, só ha no reino o rei que a tentia visto: e quanto a seu amigo—o acaso, queira dizer-lhe que se costume á não tagarellar assim a qual-quer hora. Adeus, cavalheiro.

Ella tocou uma campainha, depois erguendo uma onda de rendas, estendeo ao moço seu braço nu

Elle inclinou-se ainda, e, com a ponta dos labios, roçou apenas as unhas cõr de rosa da marquezia. Ella não vio n'isso impolítica; apenas muita modestia.

Apparecerão então as pequenas camaréiras, porque as grandes ainda não se tinham levantado, e atraz d'ellas, em pé, como um companario no meio de um rebanho de carneiros, o homem ossudo, sempre sorrindo, indicava o caminho.

Augusto Gabriel.

(Continúa).

### A' Lima Barata.

(DEPOIS DA LETURA DE SUA POESIA INSERTA NO N.º 4 DESTA JORNAL).

A' noite surgindo a lua

Que adorna o céu azul...

Um manto rico fulgente,

La surge do oriente,

Luz imensa a derramar!

Mas ante tudo isto eu penso

No meu obscuro lar!

Ao longe a vaga irritada

Ruge feróz e monotonal

Mais longe sibila o vento,

Que inflinge agro tormento

A quem se põe a seismar!

Mas ante tudo isto eu penso

No meu obscuro lar!

Alem a briza fagueira

Não cessa de perpassar!

Que noite ser na e calma!

Que enléva tão rico d'alma

Ante o céu a fulgurar!

Mas ante tudo isto eu penso

No meu obscuro lar!

Mais longe, a fonte murmura

No rochedo a desabar!...

En penso na minha infancia...

N'aquella doce fragrança,

Que jamais posso olvidar!

E ante isto sandoso penso

No meu obscuro lar!

Penso na patria querida,

No meu passado folgar;

Penso em paes, irmãos, amigos,

Penso nos tempos já idos

Que jamais têm de voltar!

E ante tudo isto eu sinto

Saudades pelo meu lar!...

Penso tambem nos que ausentes

Como eu, se fírem pesares...

Penso em quem na soledade

Ainda s'ntem saudade

D'amigos no seu seismar

.....

Penso em fim sempre no filho

Que chora pelo seu lar!

## CHRONICA.

Prevenção—Carnaval—Espiritos anteros entrocintos—Mapina de matar santos—Baile do Sr. Mendes.

Não direi mais aos meus leitores que me falta assumpto, porque já me chamaram um *chovamingas* com promessa de, si eu continuar, dizerem que não nasci para chronista. (menos isso); por tanto, de hoje em diante, todas as vezes que não houver noticias, farei dissertações sobre a medicina, escolhendo para thema as *cascitas*, moléstia muito conhecida dos leitores; assim preencheréi satisfatoriamente o meu lugar e, sem duvida, entrarei tambem para o rol dos noventa e tantos distinguidos este anno por Hippocrates. E' provavel, pois, que breve terei occasião de mimosear ás minhas lectorinhas com um folheto em cuja capa se lêa—These do Dr. Nisto Calisto, offerecida ás leitoras do *Domingo*.

—Estamos em pleno carnaval.

Hoje tudo respira liberdade. As crianças deixão as jaquetas, o rapazes os fraques, os velhos os robes-chambres para tomarem as vestesinhas de marujos, os pierrots e dominôs e com elles uma barrigada de prazer. Apparecem as criticas e com estas os espiritos, uns naturaes e outros comprados nas casas do José Alves, Bârciella, et reliqua que os teem de todas as côres e já preparados em pipas, em barris e em garrafas, conforme a escalla social do freguez.

O leitor, se pensar como eu, isto é, se conservar a sua propria mascara, terá de gemer muitas vezes sob a pressão das mãos destes ultimos *espirituosos* com caras de bodê, de cachorro etc. etc. e de ouvil-os dizer—*Você me conhece*, como si se tivesse a varinha de condão de Maria Borrallheira; e ai de vós se calirdes na ébria de dizer que não, principia o meu amigo uma resenha de factos, um diz-vos que já vos fez uma calça, outro um sapato, outro já vos caiu a casa e assim por diante, *similia cansimilibus*, até que, enfasiado de tanto *espírito*, ireis dar com o vosso phísico na casa do Martins, no theatro ou no hotel onde ainda encontrareis outros iguaes.

—Os Srs. da Municipal descobriram mel de pau!

Uma invenção que causa inveja a de Gutenberg vê-se todos os dias no largo de palacio.

As saúbas morrem e os taes senhores immortalisio-se!

Já até ouvi fallar em um monumento que se erguerá o onde ver-se-ha um *felos* com a data da dita invenção de um lado e o nome dos felizes inventores do outro; não affliço por que ainda não averigui bem. Seja, porem, mentira ou verdade, si tal acontecer eu serei o primeiro a dar *vizas* e mei no dia da inauguração com o meu discursosinho para mostrar aos seutores da municipalidade que, apesar delles não attendereim aos meus justos pedidos, eu não os quero mal.

—Hontem houve um baile á phantazia em casa do Sr. Antonio Raimundo Mendes.

Ha muitos annos já que não temos bailes destes aqui.

Esteve magnifico o do Sr. Mendes; as salas estavam primorosamente ornadas e por ellas regorgitavão sephoras e cavalheiros distinctos em cujos rostos se lia a satisfação.

Deus queira que sempre nos appareço fulguedos semelhantes para desterrar a monotonia em que vivemos.

Até domingo.

Nisto Calisto.